

"Tem babado novo no Insta": Um olhar sobre o circuito Drag de Santa Maria, Sul do Brasil.¹

Rafaela Oliveira Borges (UFSM - RS)

Palavras-chave: Drag, Gênero, Circuito.

Resumo: Ainda persistem no que concerne às questões em torno do corpo, gênero e sexualidade, perspectivas que consideram a identidade de gênero marcada pela identidade sexual. São perspectivas essencialistas que pensam sexo, gênero e sexualidade em uma sequência lógica, imutável e dada como natural. Argumento neste trabalho - desdobramento de pesquisa desenvolvida no mestrado - que essas perspectivas limitam o entendimento sobre as diversas formas de viver as corporalidades, os gêneros e as sexualidades, promovendo o apagamento de sujeitos que contrariam a ordem heteronormativa. Com enfoque central em artistas Drag Queens busco compreender as experiências dessas Queens na cena Drag da cidade de Santa Maria - RS. Para isso, desenvolvo o empreendimento etnográfico, lançando mão da observação participante e *online* somadas às entrevistas abertas. Através de perspectivas da antropologia urbana e digital mapeio a cena Drag, abarcando esferas da vida pública dessas/es artistas, suas práticas e como interagem com os espaços urbanos e as mídias digitais, sugerindo a constituição de um circuito Drag. Ainda, frisando à escassez de estudos sobre experiências Drag em cidades interioranas e de médio porte, como Santa Maria. Destaco, aqui, algumas questões em torno da problemática atual, no qual há uma baixa de locais para "performar" na cidade; tal fato tem ampliado o uso das mídias digitais como espaços para a "transformation" - termo nativo para o ato de montar-se Drag - ocorrer; e o deslocamento de Drags locais para cidades vizinhas, trabalhando como Dj's e "performers". De fato, a característica desse circuito Drag se traduz na existência de muitas Drags buscando um fazer viver de espaços - em um contínuo *on-off* - para suas performances. Ademais, acentuo a produção de um corpo Drag corroborando em reflexão sobre corpo e gênero. Baseada em perspectivas pós-estruturalistas, dos estudos *queer*, de gênero e sexualidade e da antropologia do corpo, evidencio o deslocamento da ordem heteronormativa através da fabricação de um corpo Drag, salientando o caráter construído das dimensões de gênero e sexualidade através de instâncias socioculturais. O corpo é pensado enquanto base de existência da cultura, tornando-se a experiência sociocultural, o corpo no mundo, como corporificada.

Este trabalho é desdobramento de questões que venho trabalhando em minha dissertação de mestrado. Com enfoque central em artistas Drag Queens² busco compreender as experiências dessas Queens na cena³ Drag da cidade de Santa Maria - RS. As experiências Drag na cena local são pensadas em um contexto *on/off-line*; perpassando a investigação pela cena Drag da cidade e pelos usos que são feitos das

¹Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

²De momento conheci dezenove Drag Queens locais.

³O termo "cena" é utilizado de forma ampla e articulado a um "circuito", que abarca espaços *on/off-line*. Conforme explica Magnani (2005, p.201), cena "denota atitudes e opções estéticas e ideológicas, articuladas nos e pelos circuitos". Assim sendo, os circuitos e as cenas permitem identificar, respectivamente, paisagens urbanas e atitudes dos atores sociais. (MAGNANI, 2005, 2007)

mídias digitais pelo grupo pesquisado, como uma continuação *online* do contexto *offline* de experimentação da cena Drag. De momento, buscarei focar na constituição de um circuito Drag pelas Queens locais, assim como, na “transformation” do corpo Drag.

Com efeito, rodeada por morros e no centro do estado do Rio Grande do Sul, Santa Maria é conhecida como “*Santa Maria da Boca do Monte*” e “*Coração do Rio Grande do Sul*”. Considerada uma cidade de médio porte é a maior cidade da região central e a quinta maior do estado. Sua história é relacionada ao relevante sistema ferroviário de outrora e por dispor de grande guarnição militar, um dos maiores do país. Em 1960 com a implantação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM passa a ser conhecida, também, como “*Cidade Universitária*” e “*Cidade Cultura*”. Com importante movimento histórico de ativismo LGBTIQ, possui os coletivos *Voe* e o *Rainbow Social Club*; duas paradas LGBTIQ anuais, uma organizada pelo Coletivo *Voe* e outra pela prefeitura da cidade. Entre 2016 e 2017, a cidade contou com o *Manifesta Coletivo*; um coletivo formado por Drags locais, buscando “estretar barreiras com o movimento LGBTI”.

Possibilitada pelo empreendimento etnográfico acompanho a cena Drag Queen de Santa Maria desde 2017, enquanto pesquisadora. Inicialmente realizando observações participantes em espaços de sociabilidade e/ou performances Drag, como festas e eventos LGBTIQ na cidade. Contudo, residindo na cidade desde 2010 resalto uma mudança gradual na cena noturna da cidade de Santa Maria. Com o trágico incêndio da “*Boate Kiss*” em 27 de janeiro de 2013, de forma geral, existe uma cena noturna antes e pós *Kiss*. Tal tragédia é somada a questões econômicas e políticas, que seguem ocasionando no fechamento de muitos estabelecimentos, por venda ou pela falta de condições ou alvará para funcionamento. Atualmente escuto de muitas pessoas frequentadoras de espaços fechados o questionamento: “*Cidade cultura pra quem? Pra quem pode pagar?*”; frente ao descaso público municipal anterior e pós *Kiss*. A prefeitura conta com lentidão e alta burocracia no sistema de concessão de alvarás para os estabelecimentos. É comum acompanharmos batidas da guarda municipal naquele bar que vende três latões de cerveja por dez reais - para a alegria de muitas/os - e espera há mais de anos seu alvará.

Sobre a cena Drag sublinho que em mapeamento inicial havia, mensalmente, entre 2015 - campo exploratório - e fim de 2017, duas festas Drag na cidade em bares e casas noturnas diferentes. Atualmente a cidade conta com uma casa noturna – *Rockers Soul Food* – que recebe algumas festas LGBTIQ. Organizadas por dois coletivos da

cidade - Voe e Rainbow - em algumas edições de 2017 e 2018 contou com apresentações de Queens locais. Ao fim de 2017 acompanhei o surgimento do projeto – Moirai⁴ – por um trio de Drags criadas por uma mulher e dois homens. Segundo o trio “*moirai é um trio que irá levar a arte ao nível da psicodelia criativa, combinando aspectos performáticos e visuais*”. Desde então, Queens da cena drag local tem ocupado o espaço de festas eletrônicas e itinerantes da cidade. O projeto Moirai leva suas performances a festa de *techno music*, Margem. Também a festa - Perversie - conta com *techno music*, performances e intervenções artísticas. Criada por uma estudante do CAL – Centro de Artes e Letras da UFSM, teve edições no campus da universidade em 2017. A próxima edição “Perversie a Locomotiva” - novembro de 2018 - segue apostando em ocupar espaço público criando um evento gratuito. A Locomotiva é um monumento em homenagem aos ferroviários da cidade. Em área central, o largo da Locomotiva é local de sociabilidades e eventos, como as “Paradas LGBT Alternativa”, organizadas pelo Coletivo Voe.

Figura 1: Festa Margem no Mercado Público da Estação Férrea – 2017.



Fonte: Instagram oficial – Margem. Disponível em: < <https://www.instagram.com/margem/> >
Acesso em: 13 de outubro de 2018.

⁴ Segundo perfil do projeto no Instagram – “*As moiras (moirai, em grego) são três irmãs, divindades da mitologia que representam o destino. Elas detinham o poder de criar, modelar e terminar com a vida de deuses mortais. Clotho tecia o fio da vida. Lechesis sorteava suas atribuições. Atropos cortava o fio da vida. Moirai é um trio que irá levar a arte ao nível da psicodelia criativa, combinando aspectos performáticos e visuais. As moiras prometem conduzir sua melhor viagem por um fio. Você está pronto para encarar seu destino?*”

Figura 2: Corte da Diversidade de Santa Maria – 2017. “3º Parada LGBT Alternativa” - Largo da Locomotiva.



Fonte: Jornal Diário de Santa Maria. Disponível em:
< <https://diariosm.com.br/not%C3%ADcias/geral/parada-lgbt-e-rota-viva-agitaram-o-domingo-em-santa-maria-1.2008504> > Acesso em: 13 de outubro de 2018.

Contudo, tenho empreendido em resgate histórico da cultura Drag local⁵. Através de entrevistas abertas e conversas informais com Drags de diferentes gerações e estilos, reportagens de jornais e perfis de Drags nas mídias digitais. A exemplo, duas Queens locais – as irmãs “*The pussye sisters*”, nos anos de 2015 e 2016 idealizaram a festa *Drag Night* no bar Boteco do Rosário, uma festa com performances das irmãs e Drags convidadas. Também realizavam performances em festas como a *Ditirambo* no Boteco do Rosário e a *Red Light* no Macondo Lugar. Tanto o Boteco do Rosário quanto o Macondo Lugar foram vendidos entre 2016 e 2018. Esse último comprado por igreja evangélica. Atualmente funcionava como um dos últimos espaços para festas LGBTIQ da cidade; o Macondo encerrou suas atividades com manifestações de frequentadores

⁵ Ao buscar contextualizar a cena Drag TupiniQueen, desenvolvo pesquisa bibliográfica sobre artistas que trabalham com o fenômeno do “transvestismo” no Brasil. Encontro em documentos, como livros autobiográficos, revistas, sites, *blogs* e páginas nas mídias digitais, conteúdos que ajudam a informar sobre esse fenômeno no país. A cena é iniciada por artistas *transformistas*, em 1960. Na década de 1980, surgem artistas que se montam e assumem a identidade artística Drag. Atualmente a cantora e Drag *Pablo Vittar* ocupa e resiste ao espaço do *mainstream*, lembrada por muitas Drags que conheci, como a “*Mama Ru*” TupiniQueen – em homenagem a famigerada Drag norte-americana *RuPaul*. De acordo com Vencato (2003), transvestismo é a “apropriação de roupas e signos femininos por sujeitos que socialmente se esperava que se apropriassem de signos masculinos, ou vice-versa” (VENCATO, 2003, p. 192).

nas mídias digitais. Com a hashtag - #meumomentomacondo - observei *online* muitas Drags lamentando a extinção da casa noturna.

Frente à baixa de festas Drag e espaços para “performar”, sublinho que o enfoque nas mídias digitais foi decorrência do campo de pesquisa, que demonstrou o crescente uso das mídias digitais pelo grupo pesquisado. Como Leitão e Gomes (2018, p.172), busco pensar as mídias digitais como “ambientes propiciadores de determinadas experiências”. Enfocando na perspectiva de que não há uma ruptura entre o real e o virtual. Pelo contrário, de acordo com Miskolci (2013), as mídias digitais intercedem à vida *off-line* e atuam como um “contínuo articulado interdependente” (ibidem, p.16). Nesse sentido, as mídias enquanto espaços possíveis de experenciação de si fazem parte da análise da cena Drag, tornando o contexto traduzindo em um “contínuo” *on-off* (MISKOLCI, 2013).

“*Tem babado novo no insta*” me avisa uma Drag que decidiu exibir suas “transformation” através dessa mídia, justificando falta de trabalho na cidade. De fato, atualmente a “transformation” é ensinada e exibida em tutoriais, vinculados em perfis *online* nas plataformas do *Instagram, Facebook e Youtube*. O uso feito pelas Drags do *Instagram* recai na postagem de fotos e vídeos de suas “transformations”, performances e discotecagem em eventos, sendo relevante o movimento de Drags desenvolvendo ensaios fotográficos, divulgando a “transformation” da semana. Cabe ressaltar que os ensaios nem sempre são realizados por fotógrafas(os) profissionais. É comum que um grupo de Drags se reúna para a “transformation” e se revezem na função fotógrafa(o), dando o “close” da semana. Essa reunião não, necessariamente, antecede uma festa, servindo como “alimento” para as mídias digitais. Com a ausência de festas a divulgação das “transformation” no perfil do *Instagram, Facebook* e, por algumas *Queens*, no *Youtube* é intensificada⁶.

Ainda, a baixa de locais para performances em Santa Maria tem ocasionado o deslocamento de Drags locais para cidades vizinhas. Essas cidades possuem *pubs*, boates e eventos, no qual Drags locais encontram espaço para trabalho. Em municípios da região central - Cruz Alta, Ijuí, Santo Ângelo - trabalham como Dj's e “performers”. Semelhante aos interlocutores de Passamani (2011), esses/as jovens que “fazem Drag”

⁶ Cabe ressaltar que no *Instagram* sigo páginas com conteúdo sobre Drags no Brasil. E tais páginas, com o intuito de divulgar Drags brasileiras, como a página “*The best drag queens Brasil*” e “*Queens from Brazil*”, publicam fotos enviadas pelas Drags expondo as melhores “montações” - montar-se Drag - da semana. As Drags santa-marienses enviam suas fotos e aparecem nessas páginas com frequência.

em Santa Maria, em sua grande maioria, chegam à cidade para estudar. Nascidos/as em cidades interioranas da região, afirmam que a liberdade de morar longe da família e de uma cidade onde “todo mundo se conhece” é definidora para começarem a se montar. Nem todas as Drags que venho acompanhando se montam profissionalmente. Percebo como um empecilho para algumas Queens, o fato de que o trabalho Drag é essencialmente público e para o público. Então, existe a “transformation” para diversão, para uma determinada festa e para uma mídia digital com ausência de familiares.

Através de um exercício de estado da arte sublinho que as pesquisas com enfoque nas experiências Drag Queen abrangem cidades como, Belo Horizonte, Lisboa, Florianópolis, Fortaleza e Natal. Logo, é plausível salientar a escassez de estudos sobre a cultura Drag em cidades interioranas e de médio porte, como Santa Maria. De forma semelhante Passamani (2011), ressalta o vasto campo de estudos na área das sexualidades. Sendo que as pesquisas sobre homossexualidades emergem de diferentes regiões do Brasil, entretanto, abarcando majoritariamente capitais e regiões metropolitanas. Assim, o autor destaca uma carência de estudos homoeróticos em cidades como Santa Maria, campo elegido para seu estudo etnográfico.

Nesse prisma, venho evidenciando a característica da cena Drag local traduzida na existência de Drags buscando um fazer viver de espaços - em um contínuo *on-off* - para suas performances. Busco pensar a cena Drag sugerindo o conceito de “circuito” - esse atravessando os limites da cidade - e articulando-o conforme Magnani (2007), aos usos e estratégias que os grupos fazem dele. No entanto, é deslocado o cânone das pesquisas urbanas, costumeiramente, centradas em grandes metrópoles. Utilizo o termo “circuito de jovens” em detrimento de “tribos urbanas” ou “culturas juvenis”, conforme Magnani (2007). Em outras palavras, apesar de popular, o termo “tribo urbana” tem origem na mídia, sendo marcado por tratamentos estigmatizantes e associado à ideia de comportamento selvagem, primitivo. Já a analítica por via do termo “cultura juvenil”, é difundida pelos estudos culturais substituindo pensar marginalidade por identidade (FEIXO, apud, MAGNANI, 2007). No entanto, o termo “circuito jovem” vem com a proposta de dialogar contrastando ou complementando-se a essas perspectivas, ao pensar os comportamentos jovens nas cidades urbanas. (MAGNANI, 2007)

Os “circuitos” permitem pensar acerca de espaços que não possuem uma relação contígua, sendo reconhecidos por sujeitos que fazem usos habituais desses espaços, conforme Magnani (2007):

A noção de *circuito* também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos - possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos -, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na *mancha* ou *pedaço*. Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser levantado, descrito e localizado. (MAGNANI, 2007, p.21, grifos do autor)

Por sua vez, a produção de um corpo Drag - "transformation" - corrobora em reflexão sobre corpo e gênero. Ao tomar o corpo como fio condutor de reflexão socioantropológica Le Breton (2011, p.11), ressalta que o dualismo ocidental contemporâneo opõe o/a homem/mulher de seu corpo ignorando que, "a condição humana é corporal, de que o homem é indiscernível do corpo que lhe dá a espessura e a sensibilidade de seu ser no mundo." Nesse sentido, afirma que "viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna." (ibidem, p.7). E sobre esse corpo no mundo, argumenta Le Breton (2011, p.8), que os tratamentos socioculturais empregados sobre os corpos produzem "valores que os distinguem", assim como, "falam-nos também da pessoa e das variações que sua definição e seus modos de existência conhecem, de uma estrutura social a outra" (ibidem, p.8). Afirma Le Breton (2011, p.8), que o corpo não é óbvio, "a evidência de um é o espanto do outro, senão sua incompreensão".

Sobre o tratamento que confere sentido e valor aos corpos em determinados sistemas sociais e culturais de valores, salienta Louro (2004, p.75), que os corpos carregam marcas, posto que "ao longo dos tempos os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência dos seus corpos, a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura." Afirma Louro (2004, p.75), que "os corpos são o que são na cultura" e as marcas sobre estes, quais sejam, de raça, de gênero, de etnia são "características dos corpos significadas como marcas pela cultura, distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder" (ibidem, p.76). E no que diz respeito à marca que estabelece divisão entre masculino e feminino, afirma Louro (2004, p.76), ocorrer "uma divisão usualmente compreendida como primeira, originária ou essencial e, quase sempre, relacionada ao corpo" e que, sobretudo, estabelece "um engano ao supor que o modo como pensamos o corpo, e a forma, como a partir de sua materialidade, "deduzimos" identidades de gênero e sexuais seja generalizável para qualquer cultura, para qualquer tempo e lugar" (ibidem, p.76).

Esse “engano” ocasiona conforme Grossi (1998, p.1), a persistência de perspectivas do “senso comum ocidental que considera que a identidade de gênero é marcada pela opção sexual”. Algo que percebi recorrente em minhas idas a campo. De acordo com Butler (2010), tal persistência ocasiona sobre os corpos que transgridem a inteligibilidade da “matriz heterossexual”, em que sexo, gênero e desejo são pensados em uma sequencia lógica, imutável e dada como natural tornando a heterossexualidade destino compulsório, o lugar de “abjeção”, de não humanidade. Além disso, engendram-se processos geradores de estereótipos, estigmas e desvio, pois é comum que estes sujeitos sejam tratados como iguais. Vencato (2003, p.190), argumenta que a invisibilidade que percebeu sobre as Drag Queens “se dá, principalmente, por serem confundidas com outros tipos de metamorfoses de gênero ou de transgênero, principalmente com as travestis”, gerando confusões e estereótipos.

Busco enfatizar e relacionar às confusões geradoras de estigmas e estereótipos sobre corpos transgêneros com o atual contexto de crise vivenciado em nosso país. Há pânico morais sobre a inclusão das questões de gênero e sexualidade nas escolas, um crescente de ações motivadas por misoginia, transfobia, lesbofobia e homofobia tornando evidente práticas discriminatórias e preconceituosas que se amplificam em um período de crise econômica-política. Vivemos em tempos de grande avanço de pautas conservadoras, que atingem, dentre muitas questões, a busca por respeito, direito de viver, direito cidadão, visibilidade e reconhecimento no que se refere a grupos LGBTIQ. É importante lembrar que essas práticas LGBTfóbicas ancoradas em discursos de ódio se materializam em violências, por vezes letais, contra a população LGBTIQ.

Carrara & Vianna (2006, p.236), em pesquisa sobre violência contra as travestis, afirmam que “os casos de execução têm como vítimas, sobretudo, travestis ou homossexuais que apresentavam indicativos externos de cross-dressing, como unhas pintadas, pelos do corpo raspados ou roupas femininas.” Após mais de uma década da pesquisa de Carrara & Vianna (2006), o relatório “Pessoas LGBT mortas no Brasil - 2017”, realizado pelo Grupo Gay da Bahia – GGB, evidencia o aumento de mortes de transgêneros e gays. Afirma que “a cada 19 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da “LGBTfobia”, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais⁷”. O relatório aponta aumento de 30% de

⁷Pessoas LGBT mortas no Brasil. Pg.1. Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/2017-2/>> Acesso em: 14 de outubro de 2018.

mortes em relação ao ano de 2016, contabilizando 387 assassinatos e 58 suicídios no ano de 2017. Destas 445 vítimas registradas pelo GGB, 43% eram gays, 42% transgêneros, 9% lésbicas e 1% bissexuais.⁸

Nesse horizonte busco pensar agenciamentos e resistência Drag Queen, pois frente à falta de trabalho, visibilidade e reconhecimento na cena local dizem: “*não me jogue pedras, drag é arte, somos artistas*”. E seguem expandindo a cena Drag local para cidades vizinhas e fortemente nas mídias digitais. Brevemente lembro que a Drag vivencia o deslocamento dos gêneros como espetáculo (JESUS, 2012). No intento de reinventar outro/a de si, produzem um novo corpo. Esse corpo que se monta e se desmonta é processo central para a constituição da/o personagem. A “transformation”, quando busca a paródia de um feminino, se dá com roupas e acessórios, como enchimentos de espuma, bijuterias, peruca e sapatos de salto plataforma ou fino, sempre muito altos; soma-se a maquiagem na fabricação do corpo Drag e na corporificação da/do personagem. Logo, buscar conhecer e compreender Drag Queens evoca de início, refletirmos que ao fabricarem seus corpos, suscitam a perspectiva de uma paródia de gênero: “ela imita e exagera, aproxima-se, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia” (LOURO, 2004, p. 85). Nesse sentido a figura da Drag:

Permite pensar sobre os gêneros e a sexualidade: ela permite questionar a essência ou a autenticidade dessas dimensões e refletir sobre seu caráter construído. A drag-queen repete e subverte o feminino, utilizando e salientando os códigos culturais que marcam esse gênero. Ao jogar e brincar com esses códigos, ao exagerá-los e exaltá-los, ela leva a perceber sua não-naturalidade. Sua figura estranha e insólita ajuda a lembrar que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade, são, sempre, inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos. (LOURO, 2004, p. 86,87, grifo da autora)

⁸ O relatório faz parte de pesquisa conduzida pelo antropólogo Luiz Mott do GGB. Ressalto que o projeto de lei - PL 122/2006, que visava enquadrar a homofobia como crime encontra-se arquivado. Atualmente a sugestão - SUG n° 5/2016, que propõe a criminalização da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, equiparando ao crime de Racismo, encontra-se em lenta tramitação no senado federal.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

CARRARA, Sérgio. VIANNA, Adriana R. B. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312006000200006&script=sci_abstract&tlng=pt > Acesso em: 14 de outubro de 2018.

GROSSI, Miriam. Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, p. 1-18, 1998. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília, Autor, 2012.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 18, abr. 2018. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/civitas/article/view/28444/16659> >. Acesso em: 14 de outubro 2018.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. SOUZA, Bruna Mantese de Souza [org.] *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, 17(2), 2005. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475> > Acesso em: 14 de outubro de 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 17, 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt > Acesso em: 14 de outubro de 2018.

MISKOLCI, Richard. *Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais*. Natal, Cronos, vol. 12, 2013. Disponível em:

< <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3160> > Acesso em: 14 de outubro de 2018.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Na Batida da Concha: sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2011.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. Campinas: Cadernos AEL, v. 10, 2003. Disponível em:

< <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2513> > Acesso em: 14 de outubro de 2018.